

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 16 • 2008



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2008

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 16 • 2008

ISSN: 0872-6086

COORDENADOR E

RESPONSÁVEL CIENTÍFICO - João Luís Cardoso

DESENHO E FOTOGRAFIA - Autores ou fontes assinaladas

PRODUÇÃO - Gabinete de Comunicação / CMO

CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras

Fábrica da Pólvora de Barcarena

Estrada das Fontainhas

2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.

Aceita-se permuta

On prie l'échange

Exchange wanted

Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso e Autores

MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Europress, Lda. - Tel. 218444340

DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

VEIGA FERREIRA – MAIS DO QUE UMA RECORDAÇÃO

Salete Salvado*

Há pessoas que entram e saem da nossa vida sem deixar rasto, como se nunca tivessem existido; há pessoas que entram e saem da nossa vida, permanecendo aí algum tempo e em várias ocasiões, e depois desaparecem; mas, finalmente, pessoas há que entram e permanecem na nossa vida para nunca mais sair, mesmo quando desaparecem do mundo dos vivos para sempre. Isso aconteceu comigo e com Veiga Ferreira. E este facto é tanto mais extraordinário por quanto nunca fui sua aluna, nunca me dediquei pessoalmente às suas principais linhas de investigação, não sou continuadora da sua obra científica; só fizemos parte episodicamente de equipas que executaram trabalhos de campo, fomos co-autores em programas de televisão e ambos assinamos um trabalho sobre a “Dama palmiriana do Museu de Belém”. Porém, fizemos parte de um programa pedagógico que mudou o rosto do ensino e da prática da Arqueologia em Portugal. Durante mais de vinte anos ele foi o meu “Pai Veiga” e eu a sua “Terceira Filha”. E tudo começou nesse longínquo ano de 1958, no I Congresso Nacional de Arqueologia, realizado em Dezembro na Faculdade de Letras de Lisboa.

Nas férias de 1957 e 58 eu tinha participado nas escavações da Citânia de Sanfins, graças à gentileza do Coronel Afonso de Paço, integrada num Campo de Férias internacional, e, também graças à gentileza do Dr. Bandeira Ferreira, na mesma situação, tinha participado em Setembro de 1957 nas escavações de Tróia de Setúbal e visto os seus magníficos cadernos de escavação. O grupo português presente no Campo de Sanfins apresentou no referido Congresso um pequeno trabalho redigido e organizado pelo João Carlos Messias Martins que se recusou a apresentá-lo e me incumbiu de o fazer. Aproveitei a oportunidade para, no fim da apresentação, chamar a atenção para a necessidade de modificar o ensino da Arqueologia (como era feito ao tempo) e acrescentar aos conhecimentos teóricos uma vertente prática com o conhecimento directo dos materiais e uma visão mais rigorosa dos trabalhos de campo – o que embaraçou muitos dos presentes embora não fosse essa a minha intenção.

Nesse Congresso destacavam-se os representantes dos saudosos Serviços Geológicos de Portugal pela simplicidade e clareza da exposição, pela procura do rigor científico, pelo conhecimento dos materiais, pela capacidade de intervenção no terreno, pelo entusiasmo e vivacidade, por vezes com algum desconforto por parte dos circunstantes, sobretudo quando o inesquecível Abel Viana (que não pertencia aos S.G.P.) perdia a paciência, e um Veiga Ferreira, sempre pronto a ajudar os amigos, ia passando os diapositivos que eram a grande novidade tecnológica do tempo. Ali estava quase tudo, senão tudo, o que eu pedia que passasse a fazer parte do ensino da Arqueologia. Esse foi o tempo das minhas primeiras separatas assinadas e com dedicatórias de essa gente magnífica e desaparecida.

* Secretária-Geral da Associação de Estudos Arqueológicos e Etnológicos (ex-Centro Piloto de Arqueologia). Presidente da Junta Directiva do Grupo Amigos de Lisboa.

Em Outubro de 1960 iniciei o meu idolatrado Curso de História após ter concluído a Licenciatura em Filologia Germânica e as cadeiras remanescentes do Curso de Ciências Pedagógicas, e tendo o meu colega de apelido Saint-Maurice organizado um ciclo de conferências sobre História de Portugal que se realizavam no Palácio do Largo do Mitelo, à noite, lá ia eu e o meu pai, em ronceiros eléctricos desde Belém ao Campo de Santana, para ouvir os conferencistas, e lá estava o Veiga Ferreira. Em 1961 comecei a trabalhar na Câmara Municipal de Lisboa, num regime duríssimo, continuando, porém, a estudar e indo encontrar, com surpresa e satisfação, a filha mais velha do Veiga Ferreira, com o extraordinário e invulgar nome de Seomara e cuja principal obra de misericórdia consistia em emprestar apontamentos a colegas em apuros. Eu era um deles. Simultaneamente e com o João Carlos Messias Martins ia mantendo esporádicos contactos com Veiga Ferreira (sempre pronto a dar-nos separatas dos seus trabalhos) enquanto que com o António Manuel Dias Farinha íamos congeminando a criação de um Círculo de Estudos Arqueológicos, na Faculdade de Letras de Lisboa, depois posto em prática por outros colegas entre os quais a Seomara e o Barros Rodrigues. Mas o meu trabalho não me deixava tempo para estas e outras fantasias, tanto mais que também tinha de ajudar o João Salvado (com quem casaria mais tarde) a levar para a frente o seu próprio curso de História, pois ele também trabalhava. Se por um lado já existia um crescente sentimento de estima e admiração para com o Veiga Ferreira, por outro lado foi-se cimentando um fortíssima amizade minha e do João Salvado pela Seomara da Veiga Ferreira.

Tendo concluído a sua Licenciatura em 1966, o João Salvado começou a dar aulas no Liceu D. João de Castro, acrescentando a docência à sua profissão de jornalista. Porém, a difícil conciliação de horários levou o Reitor do Liceu a encarregá-lo da organização e animação das actividades circum-escolares, coisa que ele aceitou de bom grado, criando as disciplinas de Jornalismo e de Arqueologia. Em breve afluíram ao Liceu D. João de Castro alunos de outros estabelecimentos de ensino, o que constituía um sério problema legal e administrativo. Tornou-se imperativo criar uma estrutura que desse resposta aos interesses dos jovens e os incentivasse. Esta é a origem distante do Centro Nacional Juvenil de Arqueologia depois chamado Centro Piloto de Arqueologia, tão injustamente vilipendido. Em breve nomes como Fernando de Almeida, Farinha dos Santos, Georges Zbyszewski e Veiga Ferreira faziam parte do grupo habitual que colaborava em cursos e actividades. Mas, circunstâncias de vária ordem e modificações da estrutura de suporte das actividades levaram a que estas tivessem um carácter regular e programático, tendo-se estreitando o elenco de colaboradores, passando o Veiga Ferreira a fazer parte permanentemente do quadro lectivo do Centro assim como a Seomara. E, dado que lidávamos com jovens, era necessário aos conhecimentos científicos juntar as qualidades humanas. De facto, Veiga Ferreira era um exemplo a seguir. Era um excelente cientista, um extraordinário comunicador, uma pessoa muito simples e muito bondosa, em suma, essa coisa cada vez mais rara que se chama “um homem de bem”.

A partir do momento em que o Centro se instalou no R/C Esq. do Palácio da Rosa, foi possível organizar as secções, o Laboratório de Restauro, a Fotografia e havia um fervilhar de actividades com a realização das aulas programáticas, mas também dos três Colóquios Juvenis de Arqueologia, organizados pelo João Salvado e por mim, mas onde o Veiga Ferreira colaborava, e também o Colóquio Juvenil de Etnografia. Com a criação de centros de arqueologia locais, a que dávamos apoio, não tínhamos mãos a medir e o Veiga Ferreira estava sempre a colaborar.

Tinha o Centro acima de tudo a finalidade de criar uma consciência cultural a nível da juventude, que eventualmente se pudesse estender aos seus progenitores e famílias, e uma visão científica da prática da Arqueologia e do seu ensino, pondo, assim, em causa as muitas e variadas “capelas”. Não admira que, em breve, estivéssemos rodeados de inimigos, a quem não prestámos grande atenção pois tínhamos mais que fazer, mas que se revelaram perigosíssimos, não só lançando mão da mentira e da difamação, mas, aproveitando a revolução de 1974 para fazerem circular um libelo difamatório em que o João Salvado, o Veiga Ferreira, a Seomara e eu éramos acusados das coisas mais vis que se possam imaginar. Tendo tido acesso ao texto integral, eu própria redigi a exposição

da nossa defesa que foi entregue ao então Ministro da Educação. Foi uma estranha experiência ver cinquenta nomes entre amigos, inimigos e completos desconhecidos que diziam sobre nós coisas tão extraordinárias. Até um bispo!

Se a ideia era lançar-nos uns contra os outros, enganaram-se! Se já éramos muito amigos, este ataque deu-nos a consciência de que constituíamos um grupo muito especial que nada tinha a ver com aquela gente a não ser sermos seus contemporâneos. E, assim, passávamos muito tempo juntos. O Veiga e a Seomara foram padrinhos do meu casamento, por parte do meu marido, a Seomara e o Heitor Pato são padrinhos da minha filha mais nova; e à falta de laços de sangue, fomos construindo uma família de afinidades. Após a morte do meu pai, o Veiga Ferreira, que lhe chamava “Pai Simões” passou a ser o meu “Pai Veiga” e para as minhas filhas o “Avô Veiga”, que acompanhavam nas nossas visitas de estudo.

Uma das coisas mais divertidas a que eu assisti nos anos setenta era a Seomara a inventar coisas e o Veiga a ir atrás delas. Ela e um grupo de amigos um tanto loucos (entre os quais me contava) decidiram criar uma associação que tinha o extraordinário nome de “Associação de Estudos Cosmológicos e Parapsicológicos” mais vulgarmente designada por CECOP que tinha uma revista própria chamada “Galáxia”. Eu, discretamente, fazia parte de um imaginário Conselho Fiscal e traduzia de e para Inglês a correspondência e também os relatórios dos “avistamentos”. Tudo aquilo era muito divertido. O Veiga também escreveu artigos para aquela revista admitindo a interferência de extraterrestres no percurso da Humanidade, mas, em minha opinião, ele estava apenas a divertir-se e essa possibilidade era uma curiosidade cientificamente decifrável, mas com um caminho muito lúdico. A publicação desses artigos levantou um coro de protestos por parte dos seus detractores: “parecia impossível”, “deixava ficar mal a Ciência”, etc. Enquanto a Seomara explodia de indignação, o Veiga ria a bom rir. Creio ter ficado por aqui a aventura galáctica do meu querido amigo.

Um dia, em minha casa, vi o meu pai e o Veiga em misteriosas conversas no jardim. Ao vê-los, subindo e descendo o caminho até ao portão, pensei que, finalmente, o meu pai tinha encontrado o filho que nunca tivera. E eu tinha razão, pois essa conversa resultou que o meu pai apadrinhou a entrada do Veiga Ferreira para o Grande Oriente Lusitano, exactamente para a sua Loja. Nascido numa família monárquica, de tradição católica, mas onde imperava o gosto pela Ciência e liberdade do pensamento, o Veiga lançou-se nesta nova vivência como uma grande aventura. Esse novo universo pô-lo em contacto com um leque diferente de pessoas, entre as quais o Professor Doutor Oliveira Marques, que o convidaria para leccionar na Universidade Nova de Lisboa, onde Veiga Ferreira se jubilou como catedrático convidado, ao atingir o limite de idade.

A inevitável chegada dos setenta anos afastou o Veiga Ferreira do grande amor da sua vida (para além da sua lindíssima Luízinha): os Serviços Geológicos de Portugal. Ele conhecia aquele espaço e as colecções como as palmas da sua mão. Percorria as salas de luzes apagadas, sabia de cor o conteúdo das vitrinas e das gavetas. Ali partilhava a vivência dos grandes geólogos do Século XIX e do Século XX. No seu gabinete atafalhado de papéis, cacos, fósseis e recordações, o Veiga viveu até à saciedade a experiência divina da descoberta depois da observação e do estudo. Aquele era o seu pequeno Castelo, onde só entravam os humanos se ele abrisse a porta. Aquele era o seu Éden onde comunicava com a Divindade. Mas até esse refúgio acabou: sem um aviso, sem uma palavra amiga, o Veiga viu-se expulso desse seu universo.

Com a inevitável aposentação cessaram as actividades a que se dedicara toda a vida. Com excepção do “Mestre Zby”, todos os seus velhos amigos dos Serviços Geológicos tinham morrido. O mesmo acontecera com o meu pai, com o meu marido, com o Eng. Sanchez Bueno e tantos outros. Tinham-se acabado as caminhadas de horas ao ar livre, por montes e vales, sozinho com Deus e com os seus pensamentos. Estava pobre, doente, confinado à sua casa da Encarnação e, apesar de rodeado pela família e por amigos, estava só. Eu ia buscá-lo às 5.ªs feiras para o levar ao Centro para dar aulas, o que o deixava encantado pois era extremamente querido por todos. E assim aconteceu até à sua morte.

Escrever estas recordações foi, para mim, uma grande provação. E, no entanto, sinto uma grande tranquilidade quando penso que, ao propiciar a sua entrada para o Centro, tornando-o conhecido como professor, eu abri caminho para a sua carreira de docente universitário, onde se revelou como já o fizera como cientista. E, no entanto, como explicar o porquê de tanta gente se ter encarniçado contra o Veiga Ferreira? Porque razão foi objecto de intrigas palacianas, de esquecimentos estratégicos? Apenas a Câmara Municipal de Oeiras e a Câmara Municipal de Lisboa prestaram pública homenagem em sua Memória, a primeira concedendo-lhe a Medalha de Ouro de Mérito Municipal, a segunda dando o seu nome a uma rua que liga outras duas, serpenteando ao longo de um jardim e em cuja inauguração eu fiz a sua evocação.

Não quero deixar de agradecer ao Professor Doutor João Luís Cardoso, um outro querido amigo, o ter-me convidado para escrever um texto sobre o Veiga. Conto aqui algumas coisas que não eram conhecidas e que, saindo do currículo oficial, lançam uma outra luz sobre a vida deste homem excepcional. Ainda hoje ele está presente na vida da minha família, quando eu chamo “cachucinha” e “batatinha” às minhas filhas, repetindo o que ele lhes chamava. Não me arrependo dos conflitos que travei por sua causa, dos riscos que sozinha ou com os meus corri. Mantenho com a sua família uma ligação profunda e fraterna. Não lamento nada. Se fosse preciso e possível, eu recomençaria tudo de novo.